

«Uma desajeitada paixão de adolescência
que se transforma numa confiante história de amor
na idade adulta.»

Kirkus Reviews



AMOR & OUTRAS PALAVRAS

UMA HISTÓRIA IMPERDÍVEL DA DUPLA DE AUTORAS
DE NOIVOS À FORÇA E A VARIÁVEL DO AMOR

CHRISTINA LAUREN

TOP
SEL
LER

Prólogo

O meu pai era muito mais alto do que a minha mãe — *mesmo* muito. Tinha um metro e noventa e cinco, e a minha mãe tinha pouco mais de um metro e sessenta. Um grande dinamarquês e uma pequena brasileira. Quando se conheceram, ela não falava uma palavra de inglês. Mas, na altura em que morreu, tinha eu 10 anos, era quase como se eles tivessem criado a sua própria língua.

Lembro-me da forma como ele a abraçava quando chegava a casa do trabalho. Os seus braços envolviam-na completamente pelos ombros, e ele encostava a cara ao cabelo dela, curvando o corpo sobre ela. Os seus braços eram como uns parênteses, isolando a frase mais doce e secreta.

Eu desaparecia de vista quando eles se tocavam assim, sentindo que estava a testemunhar algo sagrado.

Nunca me ocorreu que o amor pudesse ser qualquer outra coisa senão uma entrega absoluta. Mesmo em criança, nunca quis nada menos do que isso.

Porém, aquilo que começou como um punhado de células malignas acabou por matar a minha mãe, e eu deixei de querer o amor, para sempre. Quando a perdi, senti-me como se me afogasse em todo o amor que continuava a ter dentro de

mim e que nunca poderia ser dado. Enchia-me, sufocava-me como um trapo embebido em gasolina, eu cuspia-o em lágrimas e gritos e num silêncio pesado e vibrante. E, de alguma maneira, por mais que sofresse, sabia que era ainda pior para o meu pai.

Também sabia que ele nunca mais se apaixonaria depois da minha mãe. Nesse aspeto, o meu pai foi sempre fácil de compreender. Era direto e calado: caminhava silenciosamente, falava baixinho; até a sua fúria era silenciosa. Só o seu amor pulsava. O seu amor era um rugido feroz e vociferante. Depois de ter amado a minha mãe com a força do sol, e depois de o cancro a ter levado com um leve suspiro, achei que ele ficaria num fio de voz para o resto da vida e não voltaria a querer outra mulher como a quisera a ela.



Antes de morrer, a minha mãe deixou ao meu pai uma lista de orientações de que ele devia lembrar-se à medida que eu fosse crescendo:

1. Não lhe compres demasiados brinquedos; ao invés, compra-lhe livros.
2. Diz-lhe que a amas. As meninas precisam de o ouvir.
3. Quando ela estiver calada, fala tu.
4. Dá à Macy dez dólares por semana. Fâ-la poupar dois. Ensina-lhe o valor do dinheiro.
5. Até aos 16 anos, tem de estar em casa às 22 horas, sem exceções.

A lista continuava por ali fora, até ao número 50. Não era que não confiasse nele; ela só queria que eu sentisse a sua influência mesmo depois de ter partido. O meu pai relia a lista frequentemente, tomando notas a lápis, destacando algumas coisas, certificando-se de que não deixava passar momentos importantes ou de que não estava a fazer algo mal. À medida que fui crescendo, a lista tornou-se uma bíblia de consulta. Não era propriamente um livro de regras, mas uma garantia de que todas aquelas coisas com que eu e o meu pai nos debatíamos eram normais.

Uma das orientações em particular tornou-se fundamental para ele.

25. Quando a Macy chegar tão cansada da escola que nem consiga dizer uma frase completa, leva-a para longe do stress. Arranja um refúgio de fim de semana que seja simples e perto, para que ela respire um pouco.

E, embora a minha mãe provavelmente nunca tivesse imaginado que algum dia havíamos de comprar mesmo uma casa de fim de semana, o meu pai — um tipo literal — poupou, planeou, investigou as pequenas localidades a norte de São Francisco, preparando o dia em que teria de investir na nossa retirada.

No primeiro par de anos a seguir à morte da minha mãe, vigiou-me com os seus olhos azuis, simultaneamente suaves e inquisidores. Fazia-me perguntas que exigiam longas respostas, ou, pelo menos, mais longas do que apenas «sim», «não» ou «quero lá saber». A primeira vez que respondi a uma dessas perguntas detalhadas com um vago resmungo, por estar demasiado cansada da natação e dos trabalhos de casa, e do tédio de

aturar amigos persistentemente dramáticos, o meu pai ligou a uma imobiliária e pediu que nos encontrassem a casa de férias perfeita em Healdsburg, Califórnia.

A primeira vez que a vimos foi numa casa aberta: um agente local abriu-nos a porta com um grande sorriso e um impercetível relance crítico na direção da nossa agente da grande cidade de São Francisco. Era uma cabana de madeira de ângulos rígidos, quatro quartos, com humidade crónica e as condições perfeitas para o bolor se instalar, escondida por trás de um bosque, e perto de um riacho que viria a borbulhar continuamente do lado de fora da minha janela. Era maior do que precisávamos, com mais terreno do que alguma vez conseguiríamos cuidar, e nem eu nem o meu pai percebemos, na altura, que a divisão mais importante da casa viria a ser a biblioteca que ele faria para mim dentro do meu espaçoso *closet*.

Nem o meu pai poderia adivinhar que todo o meu mundo terminaria na porta ao lado, na palma da mão de um cromo magricela chamado Elliot Lewis Petropoulos.

Agora

Terça-feira, 3 de outubro

Se traçarmos uma linha reta entre o meu apartamento em São Francisco e Berkeley, são apenas 17 quilômetros, no entanto, mesmo que o trajeto seja feito nas melhores horas, se não for feito de carro, pode demorar mais de uma hora a percorrer.

— Apanhei um autocarro às seis da manhã — digo.
— Depois dois comboios e mais outro autocarro. — Olho para o relógio de pulso. — São sete e meia. Não está mau de todo.

A Sabrina limpa uma gota de espuma do leite do lábio superior. Por mais que compreenda porque evito os carros, sei que há uma parte dela que pensa que eu devia ultrapassar isso e comprar rapidamente um *Prius* ou um *Subaru*, como qualquer outro respeitável residente da Bay Area.

— Ninguém pode dizer que não és uma santa.

— E sou mesmo. Fizeste-me sair da minha bolha — digo-o com um sorriso e olho para a sua filha pequenina que está ao meu colo. Só vi a princesa Vivienne duas vezes, mas ela parece ter duplicado de tamanho. — Ainda bem que *tu* o mereces.

Pego ao colo em bebés todos os dias, mas nunca sinto isto. Eu e a Sabrina dormíamos em quartos em frente uma da outra quando andávamos na universidade, em Tufts. Depois, mudámo-nos para um apartamento fora do *campus*, e a seguir,

numa aparente melhoria, para uma casa prestes a desmoronar-se, durante os nossos mestrados. Por alguma razão mágica, acabámos as duas na Costa Oeste, na Bay Area, e agora a Sabrina tem uma *bebé*. Termos já idade suficiente para isto — ter filhos, *reproduzirmo-nos* — é o sentimento mais estranho de sempre.

— Ontem às onze da noite ainda estava a pé por causa dessa menina — diz a Sabrina, olhando-nos com ternura. O sorriso torna-se trocista. — E às duas. E às quatro. E às seis...

— Está bem, ganhaste. Mas, para dizer a verdade, ela também cheira melhor do que a maioria das pessoas no autocarro — respondo, dando um beijinho na cabeça da Viv e ajeitando-a melhor debaixo do meu braço, antes de pegar no café.

A chávena dá-me uma sensação esquisita na mão. É de louça, não um copo de papel descartável nem a enorme caneca de alumínio de viagem que o Sean me enche todas as manhãs, partindo do princípio — corretamente — de que é preciso uma dose gigante de cafeína para me dispor a enfrentar o dia. Passou uma eternidade desde a última vez que tive tempo de me sentar com uma chávena verdadeira na mão, a bebericar qualquer coisa.

— Pareces mesmo uma mamã — diz a Sabrina, mirando-me do lado de lá da mesa.

— É a vantagem de trabalhar com bebés todo o dia.

A Sabrina suspende a respiração por um segundo e eu percebo o meu erro. Regra base número um: nunca falar do meu trabalho perto de mães, especialmente de mães *recentes*. Quase consigo ouvir o seu coração descompassado do outro lado da mesa.

— Não sei como consegues — murmura ela.

Hoje em dia, esta frase é um refrão constante na minha vida. Parece incomodar permanentemente os meus amigos que eu tenha tomado a decisão de ser pediatra no hospital

universitário de São Francisco — nas urgências pediátricas. Sem exceção, apanho sempre um olhar suspeito sobre se me faltará algo importante, uma empatia, um travão maternal que deveria evitar que eu me expusesse rotineiramente ao sofrimento de crianças doentes.

Ofereço à Sabrina a minha resposta habitual: «Alguém tem de o fazer», seguida de «E eu sou boa a fazê-lo».

— Aposto que és.

— Mas a pediatria neurológica? Isso é que eu não conseguia fazer — respondo, e aperto os lábios para me impedir de dizer mais alguma coisa...

Cala-te, Macy, cala essa boca desbocada.

A Sabrina acena levemente, olhando para a sua bebé. A Viv olha para mim a sorrir e esperneia, contente.

— Nem todas as histórias acabam mal — acrescento, fazendo-lhe cócegas na barriga. — Todos os dias acontecem pequenos milagres, não é, linda?

A Sabrina muda de assunto, suficientemente alto para ser um pouco embaraçoso:

— E como estão os planos para o casamento?

Resmungo, colando a cara ao cheiro doce de bebé do pescoço da Viv.

— Assim tão bem? — diz a Sabrina, a rir-se, estendendo os braços para pegar na filha, incapaz de a partilhar por mais tempo. Não a censuro. Ela transmite-nos a sensação mais quente e fofa quando a aconchegamos entre os braços.

— Ela é perfeita, querida — digo-lhe baixinho, passando-lhe a Viv. — Uma bebé em forma.

E, como tudo o que faço está de alguma forma ligado permanentemente às memórias *deles* — à vida barulhenta dos vizinhos do lado, à família enorme e caótica que nunca tive — sou tomada pela nostalgia do último bebé, não relacionado com o trabalho, de quem estive mais próxima. É uma memória

minha de adolescente, a olhar fixamente para a bebé Alex a dormir na sua espreguiçadeira.

O meu cérebro saltita entre centenas de imagens: a Sra. Dina a fazer o jantar com a Alex enrolada junto ao peito num marsúpio. O Sr. Nick com a Alex ao colo nos seus braços peludos e rechonchudos, olhando-a com a ternura de uma aldeia inteira. O George, de 16 anos, a tentar — e a não conseguir — mudar uma fralda exemplarmente, no sofá da família. A contemplação protetora do Nick Júnior, do George e do Andreas, olhando para a sua mais recente e adorada irmã. E então, invariavelmente, a minha mente vira-se para o Elliot, afastado ou arredado, esperando calmamente que os seus irmãos mais velhos voltem às suas pegas e correrias, para o deixarem pegar na Alex em paz, e ler para ela, sem ter de partilhar a sua atenção.

Sinto uma dor de saudade de todos eles, mas especialmente dele.

— Mace — chama a Sabrina.

Pestanejo.

— Que é?

— E o casamento?

— Pois.

A minha disposição muda; a ideia de planejar um casamento ao mesmo tempo que trabalho cem horas por semana no hospital deixa-me sempre exausta.

— Ainda não começámos. Ainda temos de escolher a data, o sítio, bem... tudo. O Sean não se importa com os pormenores, o que me parece... bom?

— Claro — concorda ela, falsamente alegre, posicionando a Viv para lhe dar de mamar discretamente à mesa. — Além disso, qual é a pressa?

O pensamento disfarçado na pergunta dela é bastante perceptível: *Sou a tua melhor amiga e só vi o rapaz duas vezes, bolas! Qual é a pressa?*

E tem razão. Não há pressa. Só estamos juntos há alguns meses. Mas o Sean é o primeiro homem que conheci em dez anos com quem consigo estar sem sentir que estou a retrair-me de alguma maneira. É afável e calmo, e quando a sua filha, a Phoebe, de 6 anos, nos perguntou quando nos casávamos, isso aparentemente tocou-lhe num botão, levando-o a perguntar-me o mesmo mais tarde.

— Juro-te — respondo à Sabrina. — Não há novidades relevantes. Espera, há. Para a semana, tenho consulta no dentista. — Ela ri-se. — É neste ponto que estamos, será a única coisa, além de ti, que quebrará a monotonia do futuro previsível. Trabalhar, dormir, repetir.

A Sabrina entende-o como um convite para falar livremente sobre a sua nova família de três, e desenrola uma lista de conquistas: o primeiro sorriso, as primeiras cócegas na barriga, e, ontem mesmo, uma pequena mãozinha estendendo-se propositadamente e agarrando com firmeza a mão da sua mãe.

Ouçó-a, reconhecendo em cada pormenor normal aquilo que ele realmente é: um milagre. Quem me dera ouvir os seus «pormenores normais» todos os dias. Adoro o que faço, mas tenho saudades de... só conversar.

Entro hoje ao meio-dia e ficarei na unidade provavelmente até meio da noite. Voltarei para casa e dormirei algumas horas, e amanhã farei tudo de novo da mesma maneira. Mesmo depois do café com a Sabrina e a Viv, o resto do dia deslizará para dentro do dia de amanhã e — a não ser que algo de terrível aconteça na urgência — não me lembrarei de absolutamente nada dele.

Portanto, enquanto ela fala, tento absorver o máximo do mundo que posso. Ligo-me ao cheiro do café e da torrada, ao som da música que ecoa por trás da azáfama dos clientes. Quando a Sabrina se dobra para tirar uma chupeta do saco da Viv, olho de relance para o balcão, observando a mulher com as

rastas cor-de-rosa, o homem mais baixo, com uma tatuagem no pescoço, a aceitar os pedidos de café, e, em frente deles, o longo torso masculino que me desperta uma curiosidade aguda.

O seu cabelo é quase preto. É espesso e revoltoso, tapando o cimo das orelhas. O colarinho está dobrado de um dos lados, e a camisa cai por cima de umas calças de ganga pretas coçadas. Calça uns *Vans* com o clássico padrão aos quadrados já desbotado. Tem pendurado a tiracolo um saco bastante usado, que lhe bate na anca.

De costas para mim, parece-se com milhares de homens de Berkeley, mas sei exatamente que homem é aquele.

É o livro pesado e gasto que segura debaixo do braço que o denuncia: só conheço uma pessoa que relê *Ivanhoe* todos os outubros. Com total adoração, como um ritual.

Incapaz de desviar o olhar, estou presa à antecipação do momento em que ele vai virar-se e poderei ver o que quase onze anos lhe fizeram. Mal considero a minha própria aparência: uniforme verde-menta, sapatilhas práticas, o cabelo num rabo de cavalo desarranjado. Mas também nunca ocorreu a nenhum de nós preocuparmo-nos com as nossas caras ou com o modo como nos arranjávamos. Estávamos sempre muito ocupados a memorizar-nos um ao outro.

A Sabrina reclama a minha atenção enquanto o fantasma do meu passado paga o seu pedido.

— Mace?

Pestanejo.

— Desculpa. Eu... Desculpa. O que...?

— Estava só a dissertar sobre assaduras de fralda. Mas estou mais interessada naquilo que te...

Vira-se para seguir o meu olhar.

— Ah.

O seu «Ah» ainda não significa total compreensão. O seu «Ah» é simplesmente sobre o aspeto do homem virado de

costas. É alto — coisa que aconteceu de repente, quando ele fez 15 anos. E tem os ombros largos — o que também aconteceu de repente, mas mais tarde. Lembro-me de reparar nisso pela primeira vez numa ocasião em que ele estava debruçado sobre mim no *closet*, com as calças de ganga pelos joelhos, e os seus ombros largos bloqueavam a luz fraca do teto. Tem o cabelo espesso — mas isso foi sempre assim. Usa as calças descaídas nas ancas e tem um traseiro incrível. Eu... não faço ideia de quando *isso* aconteceu.

No fundo, ele é exatamente aquele tipo de homem que comeríamos silenciosamente com os olhos, antes de olharmos uma para a outra com as nossas caras de *Que espetáculo!* É uma das constatações mais surreais da minha vida: ele tornou-se o tipo de desconhecido que me causa uma admiração sonhadora.

É tão estranho vê-lo de costas, e observo-o com tanta intensidade que, por um segundo, me convenço de que afinal não é ele.

Talvez possa ser outra pessoa qualquer — e, depois de uma década de afastamento, quanto conhecerei realmente do seu corpo?

Mas é então que ele se vira e eu sinto-me como se todo o ar da sala tivesse sido aspirado para fora dela. É como se tivesse sido esmurrada no peito e o meu diafragma tivesse ficado momentaneamente paralisado.

A Sabrina ouve o som rangido e soprado que eu faço e vira-se de novo para mim. Vejo-a a fazer o movimento de se levantar da cadeira:

— Mace?

Tento respirar, mas a inspiração sai-me fraca e amarga e faz-me arder os olhos.

Ele tem o rosto mais estreito, o maxilar mais definido, não fez a barba de manhã. Continua a usar o mesmo género de óculos de armação grossa, mas estes já não lhe escondem

o rosto. Os seus olhos cor de avelã brilhantes continuam a parecer maiores por trás das lentes grossas. O nariz continua a ser o mesmo — mas já não é grande demais para a cara. A boca também é a mesma — direita, suave, capaz do sorriso irónico mais perfeito do mundo.

Nem consigo imaginar que cara faria se me visse aqui, agora. Talvez fosse uma cara que nunca o vi fazer antes.

— Mace? — A Sabrina estende a mão livre e agarra-me o braço. — Estás bem, querida?

Engulo em seco e fecho os olhos, para sair do meu próprio transe.

— Sim.

Ela não parece convencida.

— Tens a certeza?

— Quer dizer... — Engulo em seco de novo e abro os olhos, tencionando olhar para ela, mas o meu olhar é desviado para trás do ombro dela. — Aquele tipo ali... é o Elliot.

Desta vez, o *Ah!* dela tem outro significado.

Dantes

Sexta-feira, 9 de agosto

Quinze anos antes

Vi o Elliot pela primeira vez na casa aberta que a imobiliária organizou.

A cabana estava vazia; ao contrário dos «produtos» imobiliários da Bay Area, meticulosamente encenados, aquela casa incomum foi posta à venda em Healdsburg sem uma única peça de mobília. Embora em adulta tenha aprendido a apreciar o potencial dos espaços por decorar, aos meus olhos adolescentes aquele vazio pareceu-me frio e triste. A nossa casa em Berkeley estava inconscientemente apinhada. Enquanto a minha mãe foi viva, as suas tendências sentimentais sobrepuseram-se ao minimalismo nórdico do meu pai, e depois de ela ter morrido foi óbvio que ele não conseguiu convencer-se a alterar a decoração.

Ali, as paredes tinham manchas escuras nos sítios onde tinham estado quadros. Havia um percurso mais gasto na alcatifa, que mostrava o caminho preferido dos antigos habitantes da casa: entre a porta da rua e a cozinha. O andar de cima abria-se para o rés do chão, com o patamar protegido apenas por um velho corrimão de madeira. Lá em cima, as portas dos quartos estavam todas fechadas, dando ao comprido corredor um ar meio assombrado.

— Lá ao fundo — disse o meu pai, apontando com o queixo para onde queria que eu fosse. Tinha visto a casa online e sabia melhor do que eu o que esperar. — O teu quarto podia ser aquele lá do fundo.

Subi as escadas, passei pelo quarto principal com casa de banho, e continuei até ao fundo do corredor estreito e comprido. Conseguia ver uma pálida luz verde-clara a passar por baixo da porta — aquilo que em breve eu perceberia serem umas paredes de cor verde-vivo iluminadas pelo sol da tarde. A maçaneta de vidro transparente estava fria, mas cristalina, e girou com um gemido enferrujado. A porta emperrou, deformada pela humidade crónica. Empurrei-a com o ombro, decidida a entrar, e quase caí dentro de um quarto morno e luminoso.

Era mais comprido do que largo, talvez o dobro. A parede mais longa era quase toda ocupada por uma enorme janela, que dava para a encosta de uma colina cheia de árvores cobertas de musgo. Parecendo uma espécie de mordomo paciente, havia outra janela alta e estreita, na parede menos larga, que dava para rio Russo à distância.

Se o rés do chão à primeira vista era banal, os quartos, pelo menos, prometiam.

Sentindo-me mais animada, voltei atrás para ver onde andava o meu pai.

— Viste o *closet* desse quarto, Mace? — perguntou ele, quando saí. — Pensei em fazer dele uma biblioteca para ti.

Vinha a sair da *suite* principal. Ouvei um dos agentes imobiliários chamá-lo e, em vez de vir ter comigo, ele voltou lá para baixo.

Voltei ao quarto e fui até ao fundo. A porta para o *closet* abriu sem dificuldade. Senti a maçaneta quente na mão.

Como todas as outras divisões da casa, não tinha decoração. Mas não estava vazia.

Espanto e um leve pânico fizeram-me disparar o coração.

Sentado ao fundo do espaço estava um rapaz. A ler, encafuado no canto mais afastado, com o pescoço e as costas curvadas para caber na pouca altura que acompanhava a inclinação do teto.

Não devia ter mais de 13 anos, como eu. Magricela, de cabelo escuro e espesso a precisar de um bom corte, e enormes olhos cor de avelã por trás de uns óculos enormes. Tinha o nariz demasiado grande para a cara, dentes demasiado grandes para a boca, e a sua presença era demasiado grande num quarto que deveria estar vazio.

A pergunta saiu-me, pouco à vontade:

— Quem és tu?

Ele fixou-me, de olhos arregalados pela surpresa.

— Nunca pensei que viesse mesmo alguém ver esta casa.

Ainda tinha o coração a bater de modo descompassado. E qualquer coisa no seu olhar fixo — os olhos grandes e bem abertos por trás das lentes — fez-me sentir estranhamente exposta.

— Estamos a pensar comprá-la.

O rapaz levantou-se, sacudindo a roupa, e mostrando que a parte mais larga das suas pernas eram os joelhos. Tinha sapatos castanhos de cabedal brilhante, a camisa bem passada metida para dentro de uns calções caqui. Parecia completamente inofensivo... mas, assim que deu um passo em frente, senti o coração disparar em pânico e exclamei:

— O meu pai é cinturão negro.

Ele ficou com um ar entre o cético e o receoso.

— A sério?

— Sim.

Franziu as sobrancelhas.

— Em quê?

Deixei cair as mãos, que tinha posto nas ancas.

— Bem, não é cinturão negro. Mas é muito grande. — Nisto ele pareceu acreditar, e olhou para trás de mim com alguma

ansiedade. — De qualquer forma, o que fazes aqui? — perguntei, olhando em volta. O espaço era enorme para um *closet*. Um quadrado perfeito, com pelo menos três metros e meio de lado, um teto muito alto que descia abruptamente ao fundo do quarto, onde teria provavelmente não mais de noventa centímetros de altura. Podia imaginar-me ali sentada, num sofá, entre almofadas e livros, numa tarde de sábado perfeita.

— Gosto de ler aqui.

Encolheu os ombros e aquela simetria de pensamentos acordou em mim algo de dormente, uma impressão que eu não sentia há anos.

— A minha mãe tinha uma chave desta casa quando a família Hanson era proprietária. Eles quase nunca cá estavam.

— Os teus pais querem comprar esta casa?

Ele ficou com um ar confuso.

— Não. Nós moramos aqui ao lado.

— Então, invadiste esta casa?

Ele abanou a cabeça.

— É uma casa *aberta*, lembras-te?

Olhei outra vez para ele. O livro que segurava era volumoso, com um dragão na capa. Ele era alto e anguloso em todos os pontos — cotovelos afilados e ombros pontiagudos. O cabelo era hirsuto, mas penteado. As unhas estavam cortadas.

— Então, vens muito para aqui?

— Às vezes — respondeu. — A casa está vazia há uns dois anos.

Estreitei os olhos.

— Tens a *certeza* de que podes estar aqui? Pareces ofegante, como quem está nervoso.

Encolheu os ombros, e um dos ombros ossudos levantou-se mais.

— Se calhar é porque cheguei agora, acabado de correr uma maratona.

— Não me parece que conseguisses correr nem até à próxima curva.

Ele suspendeu a respiração e depois rebentou a rir. Soavam a gargalhadas que não aconteciam frequentemente, e algo dentro de mim floresceu.

— Como te chamas? — perguntei.

— Elliot. E tu?

— Macy.

O Elliot observou-me, empurrando os óculos para cima com o dedo, mas eles imediatamente escorregaram outra vez.

— Sabes, se comprares esta casa, não voltarei a entrar aqui só para ler.

Havia naquilo um desafio, uma escolha que era oferecida.
Mal me quer, bem me quer?

Ter ali um amigo não era má ideia.

Respirei fundo e fiz-lhe um sorriso meio relutante.

— Se comprarmos esta casa, podes voltar aqui para ler, se quiseres.

Ele fez um sorriso tão largo que podia contar-lhe os dentes.

— Se calhar, a única razão pela qual tenho vindo para aqui foi para te aquecer o lugar.

Agora

Terça-feira, 3 de outubro

O Elliot ainda não me viu.

Está à espera da sua bebida perto da máquina do café, com a cabeça inclinada para baixo. No meio de um mar de gente que se liga ao mundo através do isolamento dos seus smartphones, o Elliot lê um livro.

Será que ele *tem* sequer um telemóvel? Para outra pessoa, seria uma pergunta absurda. Mas não para ele. Tinha um há onze anos, mas recebera-o do meu pai e era daqueles telemóveis de tampa em que era preciso pressionar três vezes a tecla 5 para digitar um L. Ele raramente o utilizava a não ser como pesa-papéis.

— Quando foi a última vez que o viste? — perguntou a Sabrina.

Pestanejo ao olhar para ela, de sobrancelhas levantadas. *Sei* que ela sabe a resposta a essa pergunta, pelo menos genericamente. Mas relaxo quando percebo que, neste momento, ela não pode fazer mais nada do que conversa de circunstância. Eu tornei-me muda.

— No último ano do secundário. Na passagem de ano. Ela estremece, com um sorriso amarelo.

— *Isso.*

Sinto um instinto, uma energia de autopreservação que me leva a levantar da cadeira.

— Desculpa — digo, olhando para a Sabrina e a Viv. — Vou ter de sair.

— Sim. Claro. Sem problema.

— Ligo-te este fim de semana? Podíamos ir ao Golden Gate Park.

Ela continua a acenar como se a minha sugestão automática fosse sequer uma hipótese remota. Ambas sabemos que não tive um único fim de semana livre desde que comecei o internato em julho.

Tentando mover-me da forma mais discreta possível, enfio a mala a tiracolo e inclino-me para dar um beijo à Sabrina.

— Adoro-te — digo-lhe, reerguendo-me e desejando poder levá-la comigo. Também ela cheira a bebé.

A Sabrina acena, retribuindo o sentimento, e então, enquanto olho para a Viv e o seu pequenino punho fechado, ela olha para trás do ombro e fica estática.

Pela reação, percebo que o Elliot me viu.

— Hã... — diz ela, virando-se e levantando o queixo, num sinal de que é melhor eu olhar. — Ele vem aí.

Levo as mãos à mala, aparentando estar extremamente ocupada e distraída.

— Vou desaparecer — murmuro.

— Mace?

Fico paralisada, com uma mão na alça da mala e os olhos no chão. Uma pontada nostálgica atinge-me por dentro assim que ouço a sua voz. Fora aguda e estridente até certa altura. Ele queixava-se continuamente da voz fina e nasalada que tinha até que, um dia, o universo decidiu intervir e deu ao Elliot uma voz que parece mel quente e doce.

Ele chama-me outra vez — não pelo diminutivo, desta vez, mas mais baixo:

— Macy Lea?

Levanto a cabeça e — num impulso de que certamente me hei de rir até morrer — levanto a mão e aceno de forma frouxa, acompanhada de um animado: «Elliot! Olá!»

Como se nos conhecêssemos há pouco tempo de alguma aula de caloiros.

Ou como se nos tivéssemos falado uma vez no comboio de Santa Bárbara.

Quando ele tira o cabelo dos olhos num gesto de descrença, como o vi fazer um milhão de vezes, viro-me, enfiou-me no meio da multidão e saio para rua. Corro na direção errada antes de me aperceber do erro a meio do caminho e dar meia-volta. Dou duas longas passadas no sentido oposto, de cabeça baixa e coração descompassado, e esbarro num peito largo.

— Oh! Perdão! — balbucio, antes de levantar a cabeça e perceber o que fiz.

O Elliot agarra-me pelos antebraços e segura-me firmemente a poucos centímetros de si. Sei que está a olhar-me para o rosto, esperando que o meu olhar se encontre com o seu, mas os meus olhos estão presos à sua maçã de Adão e o meu pensamento está preso à memória de como eu costumava fixar-me no seu pescoço, dissimuladamente, durante horas, enquanto líamos juntos no *closet*.

— Macy. A sério? — diz ele, baixinho, no que pode significar milhares de coisas.

A sério, és tu?

A sério, acabaste de fugir?

A sério, onde estiveste nos últimos dez anos?

Uma parte de mim desejava ser aquele tipo de pessoa que simplesmente o empurraria para o lado, fugiria e fingiria que isto nunca aconteceu. Podia apanhar os transportes todos de volta ao hospital e mergulhar num dia de trabalho

assoberbado, gerindo emoções que, honestamente, são bem maiores e mais dignas do que estas.

Mas outra parte de mim espera por este exato momento há onze anos. Alívio e angústia pulsam-me com igual força no sangue. Todos os dias quis vê-lo. Mas, também, quis nunca mais o ver.

— Olá — digo, encarando-o, por fim. Tento perceber o que devo dizer neste momento; tenho a cabeça cheia de palavras sem sentido. É uma tempestade a preto-e-branco.

— Tu...? — começa ele, sem fôlego. Ainda não me largou. — Voltaste a viver aqui?

— Em São Francisco.

Vejo-o observar o meu uniforme e as minhas sapatilhas feias.

— Médica?

— Sim. Interna.

Estou feita robô.

Ele levanta as sobrancelhas escuras.

— Então, o que estás aqui a fazer *hoje*?

Credo, que início de conversa. Mas, quando temos uma montanha à nossa frente, acho que temos de começar com um passo de cada vez.

— Vim tomar café com a Sabrina.

Ele coça o nariz numa expressão de incompreensão que me é dolorosamente familiar.

— A minha colega de quarto na faculdade — explico.

— Vive em Berkeley.

O Elliot relaxa um bocadinho, e eu recordo-me de que ele não conhece a Sabrina. Dantes, ficávamos aborrecidos se passasse um mês sem sabermos um do outro. Agora passaram-se anos e há vidas inteiras que desconhecemos.

— Liguei-te — diz ele. — Tipo, um milhão de vezes. E depois esse número mudou.

Passa a mão pelo cabelo e encolhe os ombros, impotente. Eu percebo. Todo este momento é completamente surreal. Mesmo agora, é incompreensível que tenhamos deixado este afastamento instalar-se. Que *eu* o tenha deixado.

— Eu sei. Eu, hã... tenho um telemóvel novo — digo, sem convicção.

Ele ri-se, mas não soa particularmente alegre.

— Pois, calculei.

— Elliot — digo, ultrapassando o nó na garganta que se forma só por pronunciar o nome dele. — Desculpa. Tenho mesmo de ir. O meu turno começa em breve.

Ele inclina-se um pouco, para ficar ao nível da minha cara.

— Estás a brincar? — Arregala os olhos. — Não posso encontrar-te de repente no Saul's e dizer «Olá, Macy, tudo bem?» e tu voltares ao trabalho, e eu voltar ao trabalho, e não voltarmos a falar-nos durante mais *dez anos*, caramba!

Lá está. O Elliot nunca conseguiu fazer o jogo do superficial.

— Não estou preparada para isto — admito baixinho.

— Tens de te *preparar* para mim?

— Se há alguém para quem tenho de me preparar, és tu.

Isto atinge-o onde eu queria — mesmo no âmago de algo profundo —, mas, assim que ele pestaneja, eu arrependo-me.

Caraças.

— Dá-me só um minuto — pede ele, puxando-me para o limite do passeio, para não atrapalharmos os transeuntes. — Como estás, Mace? Há quanto tempo voltaste? Como está o Duncan?

À nossa volta, o mundo parece imobilizar-se.

— Estou bem — respondo, mecanicamente. — Voltei em maio.

Estou abalada pela terceira pergunta e a resposta sai-me tremida:

— E, hã... o meu pai morreu.

O Elliot desequilibra-se um pouco para trás.

— *O quê?!*

— Sim — digo, de voz embargada. Estou esmagada por tudo isto, e luto para reescrever a história, para religar os milhares de sinapses do meu cérebro.

Não sei como, estou a conseguir manter esta conversa sem me passar totalmente, mas se ficar aqui durante mais dois minutos, não respondo por mim. Com o Elliot à minha frente a perguntar pelo meu pai, com duas horas de sono e a perspectiva de um turno de dezoito horas à minha espera... preciso de sair daqui antes que me desfaça.

Mas, quando olho para o Elliot, vejo no rosto dele um espelho do que sinto no peito. Está devastado. É a única pessoa que teria esta expressão depois de ficar a saber da morte do meu pai porque é a única pessoa que entende o que isso significou para mim.

— O Duncan *morreu?* — A voz sai-lhe grave de emoção. — Macy, porque é que não me disseste?

Esta é uma grande pergunta, caraças.

— Eu... — começo, mas abano a cabeça. — Não estávamos em contacto quando aconteceu.

Sinto uma náusea subir-me do estômago para a garganta. Que saída triste. Que fuga inacreditável.

Ele abana a cabeça.

— Não sabia. Lamento muito, Macy.

Permito-me olhar para ele durante mais três segundos, e é como outro soco no estômago. Ele é o meu homem. Sempre o foi. O meu melhor amigo, o meu confidente, provavelmente o amor da minha vida. E passei os últimos onze anos zangada e armada de razão. Mas, no fim de contas, foi ele que abriu um buraco em nós e o destino rasgou-o de alto a baixo.

— Agora, vou-me embora — digo-lhe subitamente, num tom estranho. — OK?

E, antes que ele responda, escapo-me e percorro a rua em direção à estação dos comboios. Vou quase a correr, e durante toda a viagem de regresso sinto que ele está mesmo ali, atrás de mim ou sentado na carruagem da frente.

DE QUANTAS PALAVRAS PRECISA UMA HISTÓRIA DE AMOR?

A rotina de Macy é ambiciosa, embora a sua vida amorosa tenha esmorecido. Trabalha como pediatra, está a planear casar-se com um homem financeiramente estável, mantém uma vida discreta e o coração guardado a sete chaves.

Quando um acaso a faz reencontrar Elliot — o primeiro e único amor da sua vida —, a cuidadosa bolha que tem vindo a construir começa a dissolver-se. Em tempos, ele tinha sido o mundo dela, mas tudo se esfumara numa única noite.

Na adolescência, Elliot e Macy transformaram uma grande amizade em algo muito mais forte, passando fins de semana e verões a devorar livros, a partilhar palavras favoritas e a confidenciar um ao outro as suas agruras e conquistas. Em adultos, tornaram-se completos estranhos, até se reencontrarem por mera casualidade.

Embora as suas memórias estejam obscurecidas pela agonia do que aconteceu naquela noite há tantos anos, Elliot acabará por compreender o silêncio de Macy e ambos tentarão ultrapassar esse passado para conseguir recuperar a confiança um no outro.

Já conhece as outras histórias
desta dupla de autoras?



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

 penguinlivros.pt

  [topseller.editora](https://www.instagram.com/topseller.editora)

ISBN 9789896238674



9 789896 238674 >